

O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA ADOLESCÊNCIA: O PAPEL DA INFLUÊNCIA FAMILIAR.

THE DEVELOPMENT OF AUTONOMY IN ADOLESCENCE: THE ROLE OF FAMILY INFLUENCE.

¹OLIVEIRA, Maria Clara F. I. de; KOBORI, Eduardo Toshio
^{1e2}Departamento de Ciências Humanas – Centro Universitário das
 Faculdades Integradas de Ourinhos - Unifio/FEMM

RESUMO

Erik Erikson afirma que a parte mais importante da adolescência é o processo de construção da identidade. Compreendendo os desafios que os jovens são acometidos neste período, este projeto tem como objetivo analisar a influência parental no desenvolvimento da autonomia na adolescência. Esta pesquisa visa ressaltar os impactos positivos e negativos da relação entre os pais e o adolescente na elaboração desta importante característica. Será realizada uma revisão de narrativa de literatura pelas bases Scielo, Psysis, Lilacs e Redalyc utilizando os descritores “Adolescente”, “Desenvolvimento do Adolescente”, “Psicologia do Adolescente”, “Relações Familiares” e “Autonomia Pessoal”. Serão coletados e analisados os artigos e livros interligados à temática, visando a união dos diversos estudos de viés psicanalítico que dissertam sobre o tema.

Palavras-chave: adolescente; autonomia; desenvolvimento na adolescência; influência familiar e psicologia.

ABSTRACT

Erikson states that the most important aspect of adolescence is the process of identity formation. Understanding the challenges that young people face during this period, this project aims to analyze parental influence on the development of autonomy in adolescence. It seeks to highlight the positive and negative impacts of the relationship between parents and adolescents in shaping this essential characteristic. An integrative literature review will be conducted using the Scielo, Psysis, Lilacs, and Redalyc databases, employing the descriptors “Adolescent,” “Adolescent Development,” “Adolescent Psychology,” “Family Relationships,” and “Personal Autonomy.” Articles and books related to the theme will be collected and analyzed, aiming to integrate various psychoanalytic studies that have addressed the subject.

Keywords: adolescent; autonomy; adolescent development; family influence; and psychology.

INTRODUÇÃO

A vida e suas diversas fases trazem consigo diferentes desafios e perspectivas. O adolescer, etapa em que o sujeito abandona a infância e transita para a fase adulta, é permeada de mudanças, significados e ideais. Nessa fase, o desenvolvimento é muito rápido. O físico recebe alterações significativas que influenciam em sua forma de encarar o mundo e suas relações. Esse período é marcado por contradições, ambivalências, dúvidas e grande autopercepção (Aberastury; Knobel, 1981).

Segundo Erikson (1968), em sua teoria sobre o desenvolvimento humano, a adolescência é a fase da vida entre a infância e a idade adulta e se destaca principalmente pela construção da identidade do sujeito. Para ele, a identidade é

resultado da relação entre dimensões biológicas e sociais, e, decorrentes dela, acontecem as “crises de identidade”, que são definidas pelo autor como:

Um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital muda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes, [...] ele deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos (Erikson, 1968, p. 132-245).

Sendo assim, as transformações psíquicas e físicas que permeiam a vida do sujeito surgem de maneira repentina e estabelecem um período de instabilidade que irão o confrontar até a chegada da idade adulta. Este momento dá início ao poder de escolha, reforçando a busca pela autonomia e independência com influência de seu contexto histórico, social, cultural e familiar (Quiroga; Vitalle, 2013).

Baseado nisso, é importante frisar que essa fase não é relevante apenas para o indivíduo, mas caracteriza-se por uma série de mudanças familiares que influenciam positivamente ou negativamente o desenvolvimento dela. Crescer modifica a dinâmica familiar, pois consiste em aprender a não depender mais dos pais ou de adultos significativos. Para os pais, a concepção do filho(a) crescendo ativa o sentimento da separação que, muitas vezes, enriquece a ideia de que eles estão se virando contra sua própria família. Mas, na realidade, essa separação é responsável pela verdadeira autonomia misturada com a liberdade de descobrir quem é, escolher suas amizades, explorar suas preferências e preservar seus sentimentos (Schoen Ferreira; Aznar-Farias; Silvaes, 2003).

A família é considerada o primeiro grupo social a qual o indivíduo está inserido. Mesmo com sua organização complexa, a família é responsável por grande parte da constituição do indivíduo como pessoa. Por meio dela, são determinadas ações, comportamentos e medidas que influenciam a personalidade de quem a compõe. Ao ser estabelecida, contribui para a adaptação do indivíduo em qualquer outro ambiente, o auxiliando a conviver em sociedade (Pratta; Santos, 2007).

Este conceito de autonomia, dentro da psicologia, pode ser discutido por diversos referenciais teóricos. Alguns se referem como um desenvolvimento contínuo, outros dizem que é uma capacidade desenvolvida em diferentes dimensões (emocional, física e cognitiva), outros que está relacionada à idade, ao gênero ou ao bem estar psicológico e podem afirmar também, que são influenciadas pelos níveis educacionais e/ou socioemocionais dos pais. De modo geral, todas

indicam que é um conceito complexo e influenciado por múltiplos fatores (Barbosa; Wagner, 2013).

As questões familiares são envolvidas a partir do momento que os pais, direta ou indiretamente e consciente ou inconscientemente, permitem que seus ideais tomem lugar em meio ao desenvolvimento deles. Nesse sentido, Leivi (1995) afirma que a construção do sujeito não se caracteriza apenas pelo passado, mas pela historização do passado no presente. Refere-se, então, à ideia de que situações, não-ditos e brechas podem acarretar em sintomas e repetições que irão causar efeitos em sua própria subjetivação (Arpini; Quintana, 2003).

Em um capítulo do livro *Psicologia Social Comunitária: Da Solidariedade à Autonomia*, Silvia Lane afirma:

Quando se procura resgatar a subjetividade, esta implica necessariamente em identidade, categoria que leva ao conhecimento da singularidade do indivíduo que se exprime em termos afetivos, motivacionais, através das relações com os outros, ou seja, na vida grupal (Lane, 1996, p.31).

Lane (1996) afirma que a identidade é construída a partir de uma visão da subjetividade do sujeito como único, mas também suas construções quando unificadas a um grupo, seja ele familiar ou não. A partir deste pressuposto, podemos elaborar a ideia da relevância dos pais na construção da subjetividade do adolescente, relembrando a fragilidade e a vulnerabilidade desta fase (Quiroga; Vitalle, 2013).

Certamente, a família possui a função biológica de garantir a sobrevivência da espécie, oferecendo todo cuidado necessário para o desenvolvimento. Entretanto, a psicologia tem se atentado à importância do suporte às funções psicológicas, principalmente nesta fase de transição que corresponde a um período de descobertas, dúvidas e mudanças. O papel da família influencia a medida que oferece uma base de normas e limites essenciais para a continuidade do processo já estabelecido anteriormente na infância (Pratta; Santos, 2007).

Sendo assim, a presente pesquisa pretende investigar as seguintes questões: Quais os benefícios e malefícios podemos observar, ao longo da trajetória do adolescente em seu percurso de identificação, precedentes do vínculo familiar? Como a presença ou ausência do suporte emocional dos pais afeta a autonomia do adolescente? E de que maneira a validação ou a crítica parental influenciam na construção da autoimagem do adolescente?

A principal hipótese desta pesquisa é que a autonomia do adolescente está fortemente relacionada às relações interpessoais, principalmente às figuras parentais. Sendo assim, a depender da maneira como esta conexão acontece diferentes perspectivas e respostas podem eclodir neste período de maturação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se trata de uma revisão narrativa de literatura, sem custos, que se trata de uma forma não sistemática de revisar a literatura a fim de encontrar atualizações a respeito do tema abordado. A partir dela, é possível analisar de forma mais ampla e livre, descrevendo o estado da arte sob ótica teórica e contextual (Casarin *et al.*, 2020). Sendo assim, serão desenvolvidas as seguintes etapas: identificação do tema, da questão norteadora; elaboração de hipóteses; categorização e análise dos estudos; e por fim, interpretação dos resultados e síntese do conhecimento.

Utilizando a literatura como fonte de dados, o tema principal a ser abordado será o desenvolvimento da autonomia do adolescente e a influência familiar. Sendo assim, serão identificados artigos publicados em periódicos indexados em Scientific Electronic Library Online (SciELO), Lilacs, Psysis e Redalyc para análise.

Os critérios de inclusão dos estudos serão: artigos que abordam o desenvolvimento do adolescente, as relações familiares com os adolescentes e a importância da autonomia na adolescência, artigos empíricos e teóricos e nos idiomas português, inglês ou espanhol. Serão utilizados descritores “Adolescente”, “Desenvolvimento do Adolescente”, “Psicologia do Adolescente”, “Relações Familiares” e “Autonomia Pessoal”. Não será estabelecido critério temporal, pretendendo obter um alcance mais amplo e, ainda assim, atual, relacionado ao tema. Além disso, também serão utilizados livros, teses e dissertações visando a utilidade de sua contribuição sobre o período da adolescência. Será adotado como critérios de exclusão artigos não científicos e artigos que não façam menção ao desenvolvimento da adolescência e as relações familiares neste contexto.

DESENVOLVIMENTO

A adolescência, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é do período de 12 aos 18 anos de idade e é caracterizado por intenso desenvolvimento

físico e psíquico essenciais na transição da infância para a vida adulta. Esta etapa reflete em alterações hormonais, emocionais, físicas e conclui-se nas relações sociais. À medida que estudamos o desenvolvimento humano, a importância do contexto e das funções psicológicas, percebemos a necessidade de observar com mais atenção sua relevância e os fatores que as interferem (Quiroga; Vitalle, 2013).

Destaca-se que, nesta fase, o adolescente evolui de total dependência para o início de uma autonomia pessoal, condição que engloba não somente o externo, mas uma autopercepção e autocontrole de si. Ou seja, o indivíduo que anteriormente era completamente sujeito e submisso aos adultos responsáveis, desde a tomada de decisões simples como roupas, gostos e comidas até informações importantes como fé, política e futuro, agora passa a ter um início de liberdade anteriormente desconhecido. O adolescente passa a conceber suas próprias ideias, pensamentos e preferências e inicia o processo de se autoperceber e de perceber o seu entorno. Questionamentos, rupturas, adesões, críticas e descobertas fazem parte desse caminho (Pratta; Santos, 2007).

Esse processo de ruptura e afastamento pode ser compreendido como início da autonomia. Esta, da qual estamos falando, é dialogada por diversos autores acerca da complexidade de sua compreensão total. Ou seja, há diversas divergências relativas ao conceito dela. Alguns autores afirmam sua constante evolução ao longo da vida e outros destacam as questões que a influenciam (Barbosa; Wagner, 2013).

Segundo Piaget, a fase de pensamento concreto que se estende à compreensão do outro se dá entre os 6 e 11 anos e matura-se na fase da adolescência. Consequentemente, podemos compreender que no processo do adolescer o indivíduo adquire o que é necessário para o exercício de sua autonomia, competência que é lapidada ao longo de sua trajetória e influenciada por questões externas (Leone, 2009). A vista disso, aponta-se que o sujeito se compreende e relaciona sua autoimagem positivamente a partir da consciência de suas habilidades, limitações e valores que são estipulados ainda na infância e se perduram na etapa da adolescência. Os pais têm grande impacto nisso, pois, ao tecer elogios e reforçar as competências de seus filhos ainda criança, faz com que eles passem a se enxergar capazes de explorar as inúmeras possibilidades, encorajados por suas figuras de referência (Ferradeira, 2024). Sendo assim, os adultos têm uma função extremamente relevante, pois oferecem uma base inicial aos jovens, esta define

quais ideais serão passados para a próxima geração, desde regras, normas e orientações até conselhos e experiências de vida.

O intuito parental tem sido apontado como positivo no processo da autonomia quando associado a suporte, compreensão e afetividade. Entretanto, tem apresentado resultados negativos quando relacionados a coercitividade, punição e a falta de afeto (Barbosa; Wagner, 2013). É importante salientar que os diferentes estilos parentais invocam diferentes ações e reações na adolescência. Sendo assim, estudar as diferenças entre pais permissivos, autoritários e democráticos, por exemplo, nos geram divergentes relações de autonomia para com seus filhos (Ferreira, 2019).

Compreende-se então, que esse processo de transição, fortemente influenciado pela conduta parental, pode acarretar em marcos significativos para a concepção da autonomia. A vinculação adolescentes-pais foi observada como fator relevante para uma boa adaptação e competência social neste período em que é comum que os filhos saiam de suas casas e construam novos elos e grupos de pertencimento. Tais apontamentos indicam que esta vinculação não impede a independência do jovem, mas contribuem para a individuação mútua (Soares; Campos, 1988).

Sendo assim, a psicologia executa sua função ao pesquisar e estudar sobre o assunto, em vista de melhorar sua percepção biopsicossocial do ser. Entender a família como núcleo principal, seu peso e sua responsabilidade nesse processo é fundamental. Faz-se necessário compreender essas trocas dinâmicas entre o adolescente e a parentalidade e as psicopatologias envolvidas para que o desenvolvimento, a saúde mental e a identidade sejam positivamente preservadas (Lerner; Overton, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autonomia é um processo dinâmico que sofre inúmeras influências por diversas variáveis, tanto internas como externas. O desenvolvimento dela parte de um processo pessoal e coletivo que inicia muito cedo e se perpetua durante toda nossa vida. O contexto familiar, social e cultural pode possuir grande favorecimento ou desfavorecimento, dependendo de como se assume e se reverbera (Reichert; Wagner, 2007)

Compreende-se então, que, no processo de construção da identidade do sujeito, a autonomia é de extrema relevância, principalmente nesta fase de transição e de separação que o adolescente começa a tomar algumas decisões e a se responsabilizar por suas atitudes. Essa nova posição a qual o indivíduo é colocado o ajuda a se auto perceber e perceber o seu entorno, se encaminhando à vivência de uma independência completa (Pratta; Santos, 2007)

Visto que a família é parte fundamental neste caminho, conclui-se que a conduta parental marca de forma significativa através da vinculação, da história e da organização proposta ainda na infância. Conforme este período se caracteriza e se pontua, é possível obter uma individuação saudável e útil para o futuro dos jovens, com a finalidade de se tornarem adultos resilientes e funcionais independente do ambiente em que estão e das ações propostas para eles (Soares; Campos, 1988).

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ARPINI, D. M.; QUINTANA, A. M. Identidade, família e relações sociais em adolescentes de grupos populares. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 27-36, jan. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/mLKN6qq8cPNXKqSDy59ZfVt/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 16 ago. de 2025.

BARBOSA, Paola V.; WAGNER, Adriana. A autonomia na adolescência: revisando conceitos, modelos e variáveis. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 18, n. 4, p. 649-658, out. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/Fng3mFv8zyHwTHm9z83WnbG/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. de 2025.

CASARIN, S. T.; PORTO, A. R.; GABATZ, R. I. B.; BONOW, C. A.; RIBEIRO, J. P.; MOTA, M. S. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 5. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERRADEIRA, Inês I. P. O elogio na promoção da autoestima e autonomia da criança: o papel do adulto. **Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa**, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/entities/publication/e3ff66a9-212f-4be5-9ec1-e0df68494e95>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FERREIRA, Diana I. T. Influência do Estilo Parental nos Níveis de Ansiedade Social e Autoestima em Adolescentes. **Repositório ISPA**, out. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/entities/publication/1ed9c415-2857-4f7e-a5fd-aa44f8c8315e>. Acesso em: 12 ago. 2025.

LANE, Silvia M. Histórico e Fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In: CAMPOS, R. H. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 31.

LEIVI, M. Historización, actualidad y acción en la adolescência. **Revista de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires**, v. 17, n. 3, p. 585-611, 1995. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/379265470/Historizacion-Actualidad-y-Accion-en-La-Adolescencia-Miguel-Leivi>. Acesso em: 9 ago. de 2025.

LEONE, C. A Criança, o Adolescente e a Autonomia. **Revista Bioética**, v. 6, n. 1, nov. 2009. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/324. Acesso em: 13 ago. de 2025.

LERNER, R. M.; OVERTON, W. F. Exemplifying the integrations of the relational developmental system: Synthesizing theory, research, and application to promote positive development and social justice. **Journal of Adolescent Research**, v. 23, p. 245-255, 2008. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2008-05396-002>. Acesso em: 12 ago. de 2025.

PRATTA, Elisângela M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBqL>. Acesso em: 15 ago. de 2025.

QUIROGA, F. L.; VITALE, Maria S. de S. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 863-878, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/8F4JDSPHQTKgzmYCWRsz9Rf/>. Acesso em: 13 ago. de 2025.

REICHERT, C. B.; WAGNER, A. Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. **Psico**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, pp. 292-299, set. 2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/667>. Acesso em: 3 set. de 2025.

SCHOEN-FERREIRA, Tereza H.; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, E. F. de M. A Construção da Identidade em Adolescentes: Um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, jan. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/X5DFFZCZsb4pmlChTsQVpb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. de 2025.

SOARES, I.; CAMPOS, B. P. Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. **Cadernos de Consultas Psicológicas**, v. 4, p. 57-64, 1988.

Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15590/2/82768.pdf>. Acesso em: 3 set. de 2025.